

**Conexões entre biografia e estudos sobre as relações raciais na cidade  
de São Paulo: O caso de Virgínia Leone Bicudo**

Juliana Bartholomeu

São Paulo  
2017

## SUMARIO

<b>1. Introdução</b> .....	02
1.1. Apresentação do trabalho.....	03
1.2. Estratégia de Seleção e Análise da bibliografia da Virgínia Leone Bicudo.....	06
1.3. Dialogando com Virgínia Leone Bicudo.....	07
1.4. Análise dos Trabalhos selecionados.....	10
<b>2. Referencial teórico</b> .....	18
2.1. Feminismo Negro: a interseccionalidade como instrumento de análise....	18
<b>3. Considerações Finais</b> .....	21
<b>4. Referências Bibliográficas</b> .....	24

*“Desde Criança eu sentia preconceito de cor. Queria o curso de sociologia porque, se o problema era esse preconceito, eu deveria estudar sociologia para me proteger do preconceito, que é formado ao nível sociocultural.”*  
(BICUDO, 1994, p.6)

## **1. Introdução**

Visando destacar contribuição da produção intelectual da socióloga e psicanalista Virgínia Leone Bicudo, aos estudos das relações raciais na cidade de São Paulo, esta pesquisa tem como proposta uma análise interpretativa sobre as conexões entre biografia e trajetória intelectual, utilizando como embasamento teórico a perspectiva epistêmica proposta pelo feminismo negro norte-americano, que, orientado pela perspectiva interseccional, considera as experiências dos sujeitos como parte importante no processo de construção do pensamento científico e produção intelectual.

Nossa análise parte da hipótese de que as perspectivas experienciais dos sujeitos permitem uma visão analítica capaz de apreender aspectos da opressão e dominação estrutural de forma profunda. Diante disso, propomos que é pertinente analisar a biografia de Virgínia Leone Bicudo e sua produção bibliográfica, a fim de identificarmos as possíveis correlações entre sua trajetória pessoal e profissional, por meio dos estudos sobre as relações raciais na cidade de São Paulo desenvolvidos pela autora.

### **1.1. Apresentação do trabalho**

Virgínia Leone Bicudo uma foi uma socióloga e psicanalista brasileira, uma das primeiras professoras universitárias negras do país, nasceu em 1910 na cidade de São Paulo, filha de Joana Leone, branca, imigrante pobre de origem italiana, e de Teófilo Bicudo, negro e trabalhador doméstico que vivia em uma fazenda em Campinas, não tinha família, todos haviam morrido, teria sido criado pelo senhor da fazenda, o coronel Bicudo.

Ao analisar a biografia de Virgínia Bicudo, é possível constatar em seus relatos a grande influência que seu pai, Teófilo Bicudo, teve em sua trajetória

intelectual, pois ele acreditava que a educação era um meio importante para ascensão social da família, foi em consequência de discriminação racial que ele não pode estudar medicina, que era o seu grande sonho. Como Virgínia Leone Bicudo relata, com tristeza, em uma entrevista a Marcos Chor Maio:

*“Vou contar uma coisa tristíssima da história [de Teófilo Bicudo]. Ele queria fazer universidade. Na época era Curso Superior. E ele queria ir para Medicina. Então estava no sexto ano do ginásio. Veja que homem esforçado, hein? Veio de empregado doméstico que ele era, depois foi subindo e fez Ginásio do Estado naquele ano, ele passava direto para a faculdade de Medicina. Naquele tempo não havia vestibular para Medicina ou em qualquer curso superior. Então, o professor que chamava Barros ou Barrinhos do ginásio do último ano, quando viu que meu pai ia para a Faculdade de Medicina, reprova. Porque ele disse que um negro não podia ser médico.”(BICUDO,1995)*

Percebe-se o fato de seu pai não poder ter acesso a universidade por ser negro marcou sua trajetória no sentido de ter tornado a educação algo muito valorizado em sua família. O preconceito racial está presente na vida da autora não apenas pelas experiências vividas por seu pai, mas também pelas suas, uma vez que Virgínia Bicudo relata o fato de ter sofrido preconceito por ser negra.

Em 1933, após a morte de seu pai, Virgínia Bicudo assumiu a responsabilidade de sustentar sua família. Depois de estudar na Escola do Brás e no Ginásio do Estado, concluiu o curso secundário na tradicional Escola Normal Caetano de Campos. Posteriormente exerceu o magistério na categoria de professora substituta permanente nos Grupos Escolares Carandiru e Consolação, na cidade de São Paulo.

Em 1931 ingressou no curso de Educadores Sanitários do Instituto de Higiene de São Paulo, após concluir o curso, Bicudo foi contratada para dar aulas de higiene em colégios da capital paulista. Mais tarde, em 1936, ingressou no Curso de graduação em Ciências Políticas e Sociais na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP).

Durante durante as primeiras décadas do século XX é um período do qual o debate sobre as relações raciais na cidade de São Paulo tinha tomado maior visibilidade, a ELSP era pioneira na constituição das análises sobre as relações raciais na sociedade paulista e no Brasil.

Conforme descrito na biografia de Virgínia Bicudo, o preconceito racial que viveu na infância marcou sua vida, sobretudo, sua trajetória intelectual, pois a fez se preocupar em compreender o racismo: “ Na Escola de Sociologia se estudava o problema do Negro”. (BICUDO, 1995)

A socióloga e psicanalista via as ciências sociais como um meio para tentar compreender as relações raciais na sociedade paulistana, e este se tornou um dos objetivos de sua produção intelectual. É interessante observarmos o contexto histórico da cidade de São Paulo em que Virgínia Bicudo viveu, uma vez que nas primeiras décadas do século XX a sociedade brasileira ainda estava marcada pelos resquícios da sociedade escravocrata e a atenção de intelectuais se voltava para pensar o futuro da sociedade brasileira pós-escravidão. O debate que caracteriza este momento, era perpassado pelas ideias das Teorias Raciais, que determinavam a inferioridade do negro e a defesa de políticas de eugenia; como exemplo da aplicação das Teorias Raciais no Brasil, temos a obra de Nina Rodrigues (1894), e, posteriormente, sua tentativa de superação por meio da ideia de harmonia racial proposta por Gilberto Freyre (1933). A discussão em torno das relações raciais em São Paulo no final dos anos 1940 tinha adquirido maior visibilidade, devido às mudanças ligadas aos estudos sobre o processo de integração de diferentes populações na sociedade brasileira, como negros, mestiços e imigrantes.

Em seu estudo sobre as relações raciais em São Paulo (Bicudo, 1945), a autora combina análises sociológicas com psicologia social. A vivência de Virgínia Bicudo, como objeto de discriminação racial, fez com que a autora transformasse sua experiência enquanto mulher negra, em reflexão intelectual, tendo contribuído na construção do conhecimento científico sobre as relações raciais não somente na capital paulista, mas no Brasil.

A análise interpretativa da biografia e produção intelectual dos estudos da integração do negro em São Paulo de Virgínia Leone Bicudo que apresentamos

aqui, utiliza como embasamento teórico a perspectiva epistêmica proposta pelo feminismo negro norte americano, de viés interseccional, de acordo com o qual a construção do conhecimento é ancorada também em experiências vividas pelos sujeitos.

Bicudo via o trabalho intelectual como um mecanismo de transformação social. Na mesma chave interpretativa de Robert Park, “as mudanças sociais começam com as mudanças nas atitudes condicionadas pelos indivíduos, operando-se posteriormente nas instituições.” (BICUDO, 1945).

A produção bibliográfica e intelectual de Virgínia Bicudo entrelaçada à sua subjetividade, sugere que existem intersecções entre essas esferas, o que nos permite entrever que não separar a produção intelectual da autora de sua posição na estrutura social pode ser frutífero. Segundo Collins (1989): “O *standpoint* [lugar de fala] expressa que a realidade do sujeito é construída com base na sua própria experiência, na experiência da opressão para resistir.”

Em alguns depoimentos, Bicudo expõe a motivação para o ingresso na ELSP, pioneira nos debates das relações raciais em São Paulo, com base em sua vivência do “preconceito de cor”: “*Desde pequenininha eu era vista como uma ‘negrinha pobre’. Quando cresci, meu crime foi ser mulher emancipada.*” (Sandler, 2004, p.29)

A partir do preconceito racial que viveu, Virgínia Bicudo buscou analisar “o problema do negro” em São Paulo não só como fenômeno individual, mas como um problema coletivo que permeava as relações sociais na sociedade paulista. É fundamental destacar a importância de intelectuais negros e negras no Brasil, para que possamos quebrar com o discurso hegemônico em torno do debate sobre as relações raciais, dando espaço para, simultaneamente, o reconhecimento das contribuições de autores negros e autoras negras e o debate sobre perspectivas epistêmicas inovadoras para a compreensão do processo de construção do conhecimento científico no Brasil.

## **1.2. Estratégia de Seleção e Análise da Bibliografia de Virgínia Leone Bicudo**

Pesquisar sobre Virgínia Leone Bicudo não é apenas falar de uma biografia, pois os aspectos de sua trajetória nos permitem simultaneamente realizar uma análise sobre o contexto histórico de desenvolvimento da cidade de São Paulo durante o século XX. Os aspectos de sua biografia se inter cruzam com as transformações que marcaram o contexto nacional, desde o processo de urbanização e modernização da cidade de São Paulo, passando pelo direito ao voto feminino e o surgimento de importantes organizações e movimentos sociais, por exemplo.

Um dos desafios encontrados ao longo da pesquisa é o fato de que Virgínia Leone Bicudo possui uma vasta obra publicada, principalmente na área de psicanálise. Assim, será necessário realizar uma seleção dos trabalhos publicados que tenham enfoque no tema das relações raciais. Selecionamos os seguintes trabalhos da autora: *Estudo de atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo* (1945); *Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação a cor dos seus colegas* (1955) e *Nosso mundo mental* (1956). Estes são os grandes trabalhos da intelectual no âmbito das relações raciais, são trabalhos complexos que envolvem um momento da trajetória de Bicudo e seu interesse pela relações raciais que, podemos afirmar, está articulado não apenas com o contexto nacional, mas também com uma escolha ligada à sua trajetória pessoal.

Nossas fontes de informação para a realização da foram livros, entrevistas, artigos, teses, etc e pesquisa de campo. Os textos foram as nossas fontes de pesquisa, por meio deles levantamos os dados necessários para o desenvolvimento do trabalho, contando também com pesquisa de campo nas principais instituições em São Paulo que tiveram a participação de Virgínia Bicudo – a saber: a Sociedade Brasileira de Psicanálise/SBPSP e antiga Escola Livre de Sociologia e Política/ELSP (atual Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo/FESPSP).

## **2. Dialogando com Virgínia Leone Bicudo**

Pensar em uma intelectual negra, psicanalista e socióloga que produziu sua obra em meados dos anos 1940 no Brasil, não é algo comum. A trajetória de Virgínia Leone Bicudo, conforme constatamos com esta pesquisa, é de um

pioneirismo que está ligado não somente aos estudos das relações raciais ou à consolidação da psicanálise em São Paulo, mas relacionado também à sua trajetória de vida.

Antes de Virgínia Bicudo se tornar uma grande intelectual negra brasileira, conhecida internacionalmente, ela foi uma mulher negra que viveu as dores de uma sociedade permeada pelo racismo. Um período marcado pelos estudos das teorias raciais, o Brasil do início do século XX foi marcado por debates que constituíram a marca da identidade nacional e pela produção hegemônica de perspectivas relacionadas às teorias raciais que propunham que o país precisava embranquecer a sociedade para se tornar civilizado, em outro momento, se tornou um modelo de nação para o mundo, lugar no qual a diversidade racial não era um problema e, sim, uma solução.

Virgínia Leone Bicudo, a partir da dor do preconceito racial experienciado por ela desde sua infância, buscou na atividade intelectual uma forma de entender este fenômeno social que, sabia, não era exclusivo à sua experiência de vida, pois crescer olhando as distinções e limitações socialmente impostas ao seu pai, Theófilo Bicudo, impedido de realizar o sonho de ser médico por ser negro e ex-escravo. Bicudo, com o incentivo de seu pai, buscou em sua vida acadêmica e profissional compreender as raízes do preconceito.

É a partir de sua trajetória de vida e a sua experiência empírica relacionada ao racismo que Bicudo construiu sua perspectiva dos estudos das relações raciais e fez sua contribuição diferenciada à academia brasileira.

Conforme o referencial teórico adotado por nós, segundo o qual a experiência de grupos marginalizados, proporciona um viés de análise sobre as realidades sociais mais profundas, temos que Virgínia Bicudo não apenas ouviu falar sobre o preconceito de cor ao chegar na academia, por meio dos livros e estudos acadêmicos, ela o conhecia a muito antes, e foi este conhecimento empírico das relações raciais que a permitiu, como pesquisadora e intelectual negra, uma perspectiva mais concreta do preconceito.

Assim como o estudo de Toni Morrison (1992) demonstra como o imaginário do autores literários que possuem uma vivência privilegiada, em sua maioria brancos, reproduz uma perspectiva limitada e muitas vezes carregada de



estereótipos sociais sobre outro grupo, sociólogos importantes para a história da disciplina no Brasil, como Florestan Fernandes, Roger Bastide e Donald Pierson (orientador de Bicudo na ELSP), afirmaram que o preconceito antes de ser de cor é de classe social.

Arriscamos afirmar que foi a experiência empírica de Bicudo que lhe fez questionar essa tese e buscar, por meio de diferentes métodos de pesquisa e teorias sociais, demonstrar uma outra perspectiva. Em sua tese de mestrado, de 1945, o preconceito de cor é percebido como algo que independe da ascensão econômica. Na mesma chave interpretativa de Oracy Nogueira (1942), Virgínia Bicudo, de certo modo, também constata que o preconceito é de marca e esta marca está na pigmentação da pele e fenótipo dos indivíduos. Assim, Virgínia Bicudo, contrapôs teses que, naquele momento, eram quase predominantes nos estudos das relações raciais.

Mulher, negra e intelectual, Bicudo colocou em debate a tese sobre a existência de uma suposta “harmonia racial” no Brasil, pois, por meio das narrativas de seus entrevistados e suas análises sociológicas, demonstrou que, ao contrário do que afirmava parte da intelectualidade brasileira daquele período, ocorria uma exclusão do negro independente da sua mobilidade social, pois também existia um preconceito de cor que independia de seu status econômico.

Quando iniciamos a leitura da tese de mestrado de Virgínia Bicudo e alguns de seus artigos publicados, um pensamento recorrente foi: “Como nunca ouvimos falar de Virgínia Bicudo?”

Ao procurar por respostas para esta questão encontramos a discussão colocada pelo feminismo negro, em especial por Sueli Carneiro (1995), sobre o epistemicídio de negros e negras na produção intelectual, pelo qual se percebe a invisibilidade de intelectuais negras na produção de conhecimento científico. A forma como o conhecimento científico se desenvolve, o ambiente acadêmico ocidental, sobretudo, o modo como a produção intelectual atual se dá, corrobora para a perpetuação da subordinação de grupos marginalizados. O fato é que as condições históricas constituíram privilégios sociais para certos grupos e uma das consequências disso foi gerar um discurso hegemônico sobre quem produz conhecimento.

Da perspectiva do Feminismo Negro Interseccional, o conhecimento e o acesso à educação se tornam mecanismos importantes de ocupação de espaços na estrutura social e de luta política. Os trabalhos de Virgínia Leone Bicudo em torno das relações raciais, embora não sejam amplamente conhecidos, tem o papel de ter contribuído para os estudos das relações raciais no Brasil sob uma perspectiva relacionada aos estudos e métodos sociológicos com experiência empírica.

#### **1.4. Análise dos Trabalhos Selecionados**

##### ***Estudo de atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo (1945)***

A pesquisa Estudo das Atitudes Raciais entre Pretos e Mulatos em São Paulo (1945) de Virgínia Bicudo trazia novas perspectivas sobre as relações raciais, se dedicava a analisar o processo de integração do negro na capital paulista, trabalhando com a questão da identidade, procurando entender como esta se expressa em atitudes e levando em consideração que a identidade se constitui por meio dos processos de interação social. Nesta obra, Bicudo coloca em debate a tese sobre a existência de uma “harmonia racial” no Brasil, pois, por meio das narrativas de seus entrevistados e suas análises sociológicas, demonstra que, ao contrário do que afirmava parte da intelectualidade brasileira daquele período, ocorria forte exclusão do negro sociedade paulista, independente de movimentos de mobilidade social, pois também existia um preconceito de cor que independia da ascensão social.

Sob a orientação de Donald Pierson, ela se interessou pelos estudos de “atitudes”, porém assim como Oracy Nogueira (1942), Virgínia Leone Bicudo ao estudar relações raciais no Brasil, chegou a conclusões distintas daquelas propostas pelo orientador, que em sua interpretação privilegiava o preconceito de classe. Os trabalhos de Nogueira sobre preconceito de cor, com base em uma investigação a partir de anúncios e ofertas de emprego em São Paulo desfavoráveis aos trabalhadores de cor, e o estudo de atitudes raciais de Bicudo, constata que, diferente da chave interpretativa de Donald Pierson, os processos de ascensão social não garantem imunidade a atributos negativos relacionadas a cor.

A partir do preconceito racial que viveu, Virgínia Bicudo busca analisar “o problema do negro” em São Paulo como uma questão que precisava ser analisada coletivamente, enquanto algo presente não apenas em sua realidade mas, o preconceito a nível estrutural permeado por todas as relações sociais daquele período. Neste sentido, retomamos o debate colocado em relação ao papel de intelectuais e o seu lugar na estrutura social, sendo assim, fundamental a participação e ocupação destes espaços por intelectuais negros e negras no Brasil, para que possamos quebrar com o discurso hegemônico e racista em torno do debate sobre as relações raciais, construindo assim espaços para o reconhecimento das contribuições desses autores sobre novas perspectivas epistêmicas para a compreensão do processo de construção do conhecimento científico no país.

***Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação a cor dos seus colegas  
(1955)***

O objetivo da autora nesta pesquisa é procurar alcançar, por via indireta, atitudes de preferência e de rejeição para a escolha de companheiros de banco escolar, por meio de perguntas como: “perto de quem você gostaria de sentar-se?” Observando as atitudes de preferência e de rejeição, analisando a relação entre a cor do que preferiu é do que rejeitou e a do rejeitado pelos alunos. O estudo consiste em um trabalho pioneiro desenvolvido por Virgínia Leone Bicudo, no qual a autora se utiliza de análise sociológica e psicanalítica para entender os resultados da dinâmica das relações raciais em grupos escolares na cidade de São Paulo. Através da análise não apenas das preferências dos estudantes nos grupos escolares, como também de professores e pais, se utilizando de métodos quantitativos e qualitativos, a autora revelou importantes aspectos da sociedade paulistana no período, demonstrando como o “preconceito de cor” permeava essas relações e que muitas vezes o racismo se revela indiretamente.

A discriminação fruto de preconceito racial vivida e relatada por Virgínia Bicudo em suas entrevistas nos faz perceber uma conexão direta entre suas experiências e sua trajetória intelectual. O racismo sofrido por ela na infância e também mais tarde, irá dar sentido a uma série de trabalhos da autora relacionados

à infância, estudos tanto psicanalíticos quanto sociológicos desenvolvidos de modo que Bicudo entendesse os mecanismos da discriminação baseada em preconceito racial e também formas para realizar transformações sociais que permitissem sua superação.

Com seus importantes trabalhos sobre atitudes raciais dos grupos escolares em relação a cor dos colegas, Bicudo não se tornou pioneira somente pelo método, ao utilizar dados quantitativos e qualitativos para realizar a pesquisa, a autora também se tornou pioneira nos estudos que se tornaram conhecidos como a área do Racismo na Infância, foco principalmente da psicologia.

Em um dos seus importantes trabalhos atitudes raciais dos grupos escolares em relação a cor de seus colegas, virginia não se torna pioneira somente pelo método, utilizando dados quantitativos e qualitativos para se pensar a pesquisa, a autora também se torna pioneira nos estudos do qual ficou conhecido como Racismo na Infância, abordado principalmente pela psicologia e outras ciências humanas.

Uma das discussões de Virgínia Leone Bicudo retrata um aspecto macro sobre os fatos, isto é, o racismo na escola, o tratamento diferenciado e estereótipos que as "crianças de cor" recebem em âmbito escolar. O estudo revela que a violência psicológica sofrida por crianças negras e mulatas acarretarão em uma série de conflitos vividos por estas na escola que se desdobram em diferentes níveis, desde a dificuldade em desenvolver suas habilidades cognitivas, até comportamentos agressivos, causados pela exclusão não somente de seus colegas escolares como também de professores.

Em *Branços e negros em São Paulo* (1955) de Florestan Fernandes e Roger Bastide e um marco das pesquisas a respeito das relações raciais no Brasil, resultado de investigações financiadas pela Unesco; são apresentados dados importantes para a compreensão da dinâmica das relações raciais na cidade de São Paulo e suas transformações econômicas e sociais a partir do processo de urbanização. Relacionando este trabalho com o estudo de Virgínia Bicudo sobre a dinâmica das relações raciais em âmbito escolar, temos que, em especial no capítulo intitulado *A linha de cor na escola*, Florestan Fernandes e Roger Bastide reafirmam as barreiras ostensivas enfrentadas pela população negra e a dificuldade

de acesso à educação básica e as diversas formas de exclusão vividas pelo negro do âmbito escolar:

*"Uma mãe vai queixar-se ao diretor, o filho já é grande, tem 9 anos todo ano ela se apresenta e nunca existe uma vaga pra ele , enquanto alunos brancos vindos depois dele foram aceitos. Um inquérito feito nos arquivos da escola mostra o fundamento da queixa. A dificuldade que tem o preto em encontrar lugar na escola é tal que muitas vezes o desanimam e acabam por desinteressar-se da inscrição [...] O professores brancos, pela falta mais insignificante, punem severamente o negro. Se há uma desordem qualquer na classe, é sempre ele o responsável . O resultado é que a criança entra todos os dias chorando em casa e a mãe acaba por tirá-la da escola."* (BASTIDE, FERNANDES, 1955, pág.174)

Apesar do relato acima e dos dados importantes desenvolvidos pelos sociólogos citados, posteriormente em suas análises afirmaram que as barreiras enfrentadas por alunos negros na escola eram devidas mais a questões relativas à classe social que consequências da raça. O que contraria os dados obtidos por Bicudo, conforme o presente estudo discutido, a rejeição sofrida por alunos pretos e mulatos em grupos escolares não está associada à sua classe econômica e, sim, à sua cor e seu fenótipo, está relacionada aos estereótipos ligados ao negro, independente de sua posição social. Segundo os dados apresentados pela autora, os motivos de rejeição, ordenados segundo as porcentagens de rejeição, foram os seguintes: "mau aluno" 40,20%, "mau" 36,89%, "mal educado" 10,73%.

Bicudo percebe que o estudante de grupo escolar negro enfrenta maiores obstáculos para desenvolver uma personalidade que lhe possibilitasse boas relações e eficiência nos estudos. Pois, conforme a autora demonstra ao longo de seu trabalho, o fato da dificuldade e obstáculos de desenvolvimento do aluno negro não estavam apenas associados à exclusão âmbito escolar, mas também se relacionavam com o que a autora chamou de "situações desfavoráveis do lar", ou seja, a estrutura familiar da criança.

Como a intelectual também analisa questões relacionadas ao micro como as relações intra familiares destes alunos. Um dos dados destacados pela autora é como o ambiente familiar e sua composição étnico-racial irá influenciar o modo como os escolares se relacionam com os seus colegas de classe.

Na conclusão de sua análise sobre *Atitudes escolares em relação a cor dos seus colegas*, Bicudo enfatiza a importância do ambiente familiar dos grupos escolares, irá contribuir ou não para o desenvolvimento de características positivas dos alunos, e como "bom aluno", "filho obediente" etc. O "racismo interiorizado" pelos negros, conforme revelam estudos das relações raciais, que, segundo Bicudo, consiste na introjeção das ideias depreciativas e estereótipos gerados socialmente em relação à sua própria etnia, como por exemplo a crença de uma inferioridade cognitiva e intelectual inerentes à sua biologia, é fundamental para compreender o fenômeno no âmbito escolar. O estudo revela outros aspectos interessantes, permitindo a Virgínia Bicudo constatar porque para o negro "a pior ofensa é ser chamado de negro", algo que estaria relacionado tanto ao "racismo interiorizado" quanto com o seu desejo de não ser negro, e a tentativa de negar sua cor, utilizando assim meios de defesa como ênfase em de se afastar do próprio negro e "parecer branco".

Vivendo o conflito entre ser "negro" e não "querer ser negro" equivalente ao conflito entre "ser mau" e ser "bom" as pessoas sucumbem frequentemente ao conflito, auto punitivamente, exibindo traços de personalidade que são tomados como confirmação dos estereótipos que lhe são dirigidos. Outros derivam o conflito na luta pela aquisição características de branco procurando remover "o cabelo ruim" pelo alisamento, procurando instruir-se elevar o seu status social excluindo-se do negro e ligando-se ao branco.

Com relação ao multado a Bicudo, observa que O mulato com por possuir características físicas do branco consegue integrar-se aos dois grupos aos dos brancos e pretos, Em sua tese de mestrado a autora constata que:

*"a consciência de cor apresenta-se mais pronunciada do que no preto, talvez em consequência da situação de estar ligado a biológica e socialmente aos dois grupos raciais [...] os traços físicos da raça dominada, ao mesmo tempo em que apresenta traços negróides, o híbrido teria um conflito mental exacerbado".* (BICUDO, 1945, pg.109)

O estudo feito por Virgínia Bicudo dá luz à discussão de várias questões relacionadas aos desdobramentos do racismo e suas consequências tanto a nível social, enquanto limites impostos a um determinado grupo, como, por exemplo, a

desigualdade de oportunidades, quanto às consequências psicológicas geradas pelas relações raciais e como a violência que as envolve impacta no desenvolvimento cognitivo e intelectual dos sujeitos e em sua relação com a sociedade.

A grande contribuição do estudo é a produção do conhecimento sobre o racismo e suas consequências psíquicas tanto para as crianças e pais vítimas como para os discriminadores. O preconceito racial é um fenômeno social de grande complexidade, conforme a analogia feita por Kabengele Munanga (2002), que descreve o racismo como um *iceberg* cuja parte visível corresponde às manifestações do preconceito, tais como práticas discriminatórias que podemos observar através dos comportamentos sociais e individuais. A parte submersa do iceberg corresponde, metaforicamente, aos preconceitos não manifestos, presentes invisivelmente na cabeça dos indivíduos e as consequências dos efeitos da discriminação na estrutura psíquica das pessoas.

Em *Atitudes Dos Escolares em Relação a Cor de seus Colegas*, Virgínia Bicudo propõe uma reflexão sobre os aspectos sociológicos da discriminação racial enquanto uma questão coletiva. Embora, o enfoque do trabalho seja a questão do racismo na infância, os principais dados constatados pelo estudo dizem respeito à reprodução do preconceito racial através dos pais e professores. Assim como em demonstrou, em sua tese de mestrado *Atitudes raciais entre pretos e mulatos em São Paulo* (1945), que a ideia de “harmonia racial” não coincide com a realidade vivenciada pelas pessoas negras.

É importante lembrar que neste período o debate político e ideológico sobre a mestiçagem, e que balizou o processo da construção da identidade nacional, concomitante com a ideologia do branqueamento, teve um papel muito importante nas representações coletivas, através desse debate podemos perceber que este pensamento desenvolveu o imaginário coletivo, deu forma a comportamentos e permitiu uma forte interiorização dos ideais que separam as pessoas entre raças “inferiores” e “superiores”

Neste sentido, o seu trabalho deu grandes contribuições para a produção de conhecimento e permitiu também a denúncia ao racismo, nas palavras da autora, a manifestação do “preconceito de cor”. Conforme a hipótese traçada inicialmente por

nós, Virgínia Bicudo, antes de ser uma socióloga e Psicanalista, foi uma mulher e intelectual negra que, conforme os seus relatos, conhecia o preconceito racial desde muito cedo, e o seu conhecimento empírico em relação ao tema, contribuiu para suas análises, o que a permitiu partir de uma questão individual, relacionada à sua trajetória, para a um fenômeno coletivo estruturado em sociedade.

### ***Nosso mundo mental (1956)***

O livro é uma coletânea de artigos importantes da carreira de Virgínia Leone Bicudo, embora tenha como foco objetivos ligados à área da psicanálise, o que dificultou a leitura mais aprofundada, diante de nossos limites em relação ao conhecimento desta área em específico. A obra revela o pioneirismo de Virgínia Bicudo na psicanálise e sua vasta atuação na área, revelando o surgimento do interesse da intelectual sobre certos temas, como gênero, por exemplo, conforme indicam os capítulos V - A rivalidade entre os sexos e VII - Os estados efetivos O sentimento de inferioridade.

Sendo assim, analisaremos os aspectos de seu engajamento a certas questões que esta obra representou em sua trajetória intelectual. Conforme discutido por este trabalho anteriormente, a atuação de Virgínia Bicudo nas áreas da Sociologia e da Psicanálise, tinha como norte compreender aspectos da sociedade, como a dinâmica no preconceito racial, mais do que isso, ousamos afirmar que dizer que a autora buscava entender as questões que se propunha para as transformar. Neste sentido, este trabalho é emblemático.

O livro é resultado das falas de Virgínia Bicudo no programa “Nosso Mundo Mental” veiculado na Rádio Excelsior, em 1950, e da série de artigos publicados por ela no Jornal *Folha da Manhã* em 1954. Tanto o programa quanto os artigos tinham como objetivo promover a divulgação do conhecimento psicanalítico nos meios de comunicação mais populares, os temas eram relacionadas à educação infantil e questões motivacionais, assim como análise de experiências do cotidiano, com base na teoria psicanalítica.

Os artigos abordando temas ligados à educação da criança se tornam recorrentes, indicando este ser um tema importante para Virgínia Bicudo desde sua



pesquisa junto ao projeto UNESCO<sup>1</sup>. Em *Nosso mundo mental*, o tema reaparece em títulos como: Capítulo II - As Qualidades Fundamentais dos Instintos desde o Nascimento até os 2 Anos e Meio de Idade; Capítulo III - As Qualidades Fundamentais dos Instintos desde os 2 anos e meio até os 4 anos de Idade; Capítulo IV - As Qualidades Fundamentais dos Instintos Dos 4 anos à Idade Adulta; Capítulo XII: Atitudes Contra-indicadas na Educação: a Rejeição e o Favoritismo, entre outros.

Sonia Meireles, antiga paciente de Virgínia Bicudo, relatou em entrevista como o conhecimento de Virgínia Bicudo em relação à educação infantil lhe ajudou na criação de seus filhos:

“[...] com os meus filhos ela me ajudou, e eu lembro que deste tempo deve ter coisas da Melanie Klein naquela altura na educação eu lembro que ela achava que às vezes uma palmadinha no bumbum, porque naquela época tinham mães que batiam no rosto, batiam nas crianças, homem batia, ela achava que às vezes a gente dando uma palmadinha no bumbum era muito... não machucava, era no lugar certo, na hora certa, e tirava a culpa da criança em relação ao fato, e eu achava assim muito sábio aquilo.” (Depoimento, 28/07/2017)

A trajetória de Virgínia Leone Bicudo foi marcada por sua produção intelectual e pioneirismo tanto nos estudos das relações raciais na cidade de São Paulo, quanto como figura ativa no desenvolvimento da psicanálise no Brasil.

Seus conhecimentos psicanalíticos e sociológicos eram utilizados pela intelectual como meios de entender e buscar transformar a sociedade. O seu conhecimento intelectual não foi restrito ao meio acadêmico, conforme demonstra *Nosso Mundo Mental*, fruto de seu programa de rádio e artigos de jornal. Virgínia Bicudo tinha a preocupação em divulgar a teoria psicanalítica para o público que não tinha acesso às publicações sobre a temática, através de meios de comunicação de massa, tornando assuntos complexos da psicanálise acessíveis por meio de exemplos práticos do cotidiano.

---

<sup>1</sup> *Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação a cor dos seus colegas*, 1955.

## 2. Referencial teórico

Os principais referenciais teóricos são *The Black Feminist Thought: Knowledge and Consciousness, and Politics of Empowerment* (1990) de Patricia Hill Collins, e intelectuais como Angela Davis em *Mulher, Raça e Classe* (1981), bell hooks em *Intelectuais Negras* (1995), Grada Kilomba em *Plantation Memories* (2008), Toni Morrison em *Play in The Dark* (1992), Lélia Gonzalez em *Sexismo na Sociedade Brasileira* (1983) e Beatriz Nascimento em *A Mulher Negra e o Mercado de Trabalho* (1976); Neusa Santos em *Tornar-se Negro: As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social* (1990).

### 2.1. Feminismo Negro: a interseccionalidade como instrumento de análise

A proposta colocada pelo Feminismo Negro parte da crítica à forma como a construção do pensamento científico se dá no ambiente acadêmico ocidental, sobretudo, a como a produção intelectual atual corrobora para a perpetuação da subordinação de grupos marginalizados. Levando em consideração que as condições históricas mantêm os privilégios sociais do grupo dominante, se entende, como uma das consequências, a geração de um discurso hegemônico na produção de teorias sociais. Tal perspectiva também critica o não reconhecimento das experiências dos sujeitos como base legítima para o processo de construção de conhecimento por parte da academia.

Em *Playing in the Dark* (1992), Toni Morrison analisa a representação de pessoas negras na história da literatura Americana, sobretudo, a representação que escritores brancos constroem sobre a imagem e cultura de negros e negras nos Estados Unidos, e como essa produção colabora para a perpetuação de estereótipos negativos e a manutenção do discurso hegemônico da cultura dominante.

*“There seems to be a more or less tacit agreement among literary scholars that, because American literature has been clearly the preserve of white male views, genius, and power, those views, genius, and power are without relationship to and removed from the overwhelming presence of black people in the Unites States.”* (MORRISON, 1992, p.5)

Em sua análise, Toni Morrison propõe a ideia de racialização dos discursos, um contraponto à ideia de neutralidade, evidencia que os escritores partem de um lugar de onde "falam", por isso suas vivências e seu modo de ver o mundo irão fazer parte da construção de sua obra, a "*whiteness imagination*" caracterizaria sua percepção sobre grupos marginalizados, que são representados por meio do discurso da cultura dominante, no qual negro é descrito por meio de estereótipos e posições subalternas. Toni Morrison propõe uma reflexão interessante para se pensar a constituição do discurso da cultura dominante, o papel de sua produção e, sobretudo, as consequências desta.

Diante disso, a proposta epistêmica do feminismo negro interseccional e a teoria do *standpoint* (lugar de fala) defendida por Patricia Hill Collins (1984) – que julga que a experiência de grupos marginalizados proporciona um viés de análise sobre as realidades sociais mais profundas, pois tais perspectivas experienciais permitiriam uma visão analítica capaz de apreender aspectos da opressão e dominação estrutural que quem pertence aos grupos dominantes não é capaz de perceber – é que nos nortearão.

Entendemos que a proposta epistêmica do feminismo negro interseccional é uma ferramenta interessante para analisar a intersecção entre produção intelectual e a biografia da socióloga e psicanalista paulistana Virgínia Leone Bicudo.

### **3. Considerações Finais**

*“Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida.”*

(Chimamanda Adichie)

Conforme procuramos demonstrar neste trabalho, a bibliografia de Virgínia Leone Bicudo sobre relações raciais consiste em uma contribuição importante para

os estudos sobre as relações raciais na cidade de São Paulo e no Brasil. É preciso levar em consideração que o tempo para o desenvolvimento deste projeto nos limitou, uma vez que a produção intelectual da autora é vasta. Dito isso, salientamos que este trabalho se limitou ao estudo de sua produção intelectual sobre relações raciais e aspectos de sua biografia que, em nossa análise, a levaram a seguir este percurso.

O questionamento sobre a presença, e reconhecimento, de intelectuais negros e negras na academia brasileira é tema proposto há muito tempo por intelectuais e ativistas da questão racial. Conforme procuramos destacar neste estudo, este debate perpassa aspectos relacionados tanto às barreiras sociais constituídas historicamente ao longo do período escravista quanto questões mais contemporâneas, desde o período pós-abolição (1888), como classe e gênero.

Ao realizar um breve estudo sobre o papel de intelectuais negros e negras e a sua história na produção do conhecimento científico no Brasil, encontramos, a partir de dados, artigos e relatos biográficos, uma desmistificação e a indicação de participação ativa dessa população na produção de conhecimento. No entanto, conforme pudemos constatar, a reprodução do conhecimento científico sob um certo viés tem contribuído para a manutenção de um discurso hegemônico sobre a história do pensamento social brasileiro e das Ciências Sociais que exclui as contribuições de intelectuais negros e negras.

A consequência histórica da reprodução desse discurso ocasiona o que Chimamanda Adichie chama de “*o perigo de uma história única*”. A população negra no Brasil, além de enfrentar as questões ligadas às barreiras sociais e econômicas geradas pela discriminação racial, quando a ultrapassa, ocupando espaços na produção de conhecimento, enfrenta outras formas de racismo que as deslegitimam, silenciam e invisibilizam, como no caso de intelectuais negros e negras.

Ao analisar a pesquisa de mestrado de Bicudo, Mário Augusto Medeiros da Silva (2011) busca entender as razões pelas quais tantas gerações de pesquisadores e ativistas que se dedicam ao tema das relações raciais desconhecem e não citam o trabalho de Virgínia Leone Bicudo. Como Silva, também propomos esta indagação com relação à participação da autora na pesquisa sobre relações raciais no Brasil financiada pela Unesco, nos anos 50.

Qualquer pesquisador ao iniciar uma pesquisa acadêmica sobre relações raciais no Brasil se depara com a história do *Projeto Unesco Sobre Relações Raciais no Brasil* (1955); acabamos por conhecer muitas obras, pesquisadores e sociólogos importantes que participaram do projeto, como Florestan Fernandes, Roger Bastide, Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni e Oracy Nogueira, mas não temos notícia do trabalho de Bicudo no Projeto. “*Por que Virgínia Leone Bicudo não foi lida? Por que, para várias gerações de cientistas sociais, historiadores, intelectuais negros e militantes da questão racial ela é uma ilustre desconhecida?*” (Medeiros da Silva, 2011)

Ao falarmos sobre a invisibilidade de Virgínia Leone Bicudo na história da produção do conhecimento sociológico sobre relações raciais, acreditamos que o fato de que as discussões propostas pela autora, tanto sua pesquisa de mestrado [*Atitudes Raciais entre Pretos e Mulatos em São Paulo* (1945)] quanto em sua participação no Projeto Unesco (1955), contrariavam a interpretação das relações raciais de autoria de alguns dos principais sociólogos que estudavam o tema no Brasil, ocasionou a invisibilidade da autora. Uma vez que Virgínia Bicudo colocava em questão a ideia de que o preconceito racial no Brasil era inexistente e, principalmente, contestava a proposição de que o preconceito era de classe e não de cor.

Os estudos feitos por ela nos ajudam a refletir sobre alguns aspectos relacionados à reprodução do conhecimento na academia brasileira e sobre como e porque algumas vertentes teóricas são mais conhecidas do que outras, sobretudo, como alguns trabalhos contemporâneos são indicados, e lidos, por sucessivas gerações de pesquisadores e pesquisadoras, enquanto outros jamais são mencionados.

Partimos assim da hipótese que Virgínia Bicudo detinha um conhecimento não estritamente acadêmico sobre as relações raciais, como dito por ela mesma, Virgínia Bicudo decidirá estudar Sociologia para entender o “problema do negro”. Partindo, assim, da dor ocasionada por a discriminação racial que viveu e de experiência enquanto mulher e negra. A intelectual detinha um conhecimento vivencial, empírico, portanto, que influenciou diretamente seu modo de investigar e

analisar as relações raciais, a permitindo romper com o discurso hegemônico vigente sobre o tema naquele período.

#### 4. Referências Bibliográficas

ABRAÃO, Jorge Luís Ferreira (2010) **Virgínia Bicudo: A trajetória de uma psicanalista brasileira**, São Paulo: Arte&Ciência Editora/Fapesp.

ADICHIE, Chimamanda. **O Perigo de Uma Única História**. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/?gclid=EAlaIQobChMlvbi6gOi-1gIViISRCh3Chwm4EAAYASAAEgJQzPD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/?gclid=EAlaIQobChMlvbi6gOi-1gIViISRCh3Chwm4EAAYASAAEgJQzPD_BwE)

BARBOSA, Maria Lícia Lima. **O Feminismo Negro: Notas sobre o Debate Norte-Americano e Brasileiro**. Revista Fazendo Gênero. Ed9.2010.

BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan, **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**. São Paulo, Anhembi, 1955.

BICUDO, Virgínia Leone. **Nosso mundo mental**. [São Paulo]: Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1956.

BICUDO, Virgínia Leone. **Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação a cor dos seus colegas**, In: BASTIDE, R.; FERNANDES, F. **Relações raciais entre brancos e negros em São Paulo**. São Paulo: Editora Anhembi/UNESCO, 1955, p.229- 310.

BICUDO, Virgínia Leone. **Entrevista concedida a Marcos Chor Maio**. São Paulo, 25 set. 1995.

BICUDO, Virgínia Leone. **A Importância da higiene mental para a infância**. Boletim do serviço social de São Paulo. (1942).

BICUDO, Virgínia Leone. **A Visitadora social psiquiátrica e seu papel na higiene mental da criança**. Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo. (1941)

BICUDO, Virgínia Leone. **"Já fui chamada de charlatã"**. Folha de São paulo, 1994.

BICUDO, Virgínia Leone. **Memória e fatos**. REVISTA IDE, São Paulo, Sociedade Brasileira da Psicanálise.

BRAGA, Ana Paula Musatti (2016) **Pelas trilhas de Virgínia Bicudo: psicanálise e relações raciais em São Paulo**. Lacuna: uma revista de psicanálise, São Paulo, n. -2, p. 1, 2016. Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2016/12/06/n2-01/>

CARNEIRO, Sueli: *Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva degênero*. Disponível em: <<http://arquivo.geledes.org.br/em-debate/sueli-carneiro/17473-sueli-carneiro-enegrecer-o-feminismo-a-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-a-partir-de-uma-perspectiva-de-genero>>.

\_\_\_\_\_, Sueli; **Gênero, raça e Ascensão Social**. Revista Estudos Feministas, SP, v. 95, n. 2, p.544-552, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref>>. Acesso em: 19 jan. 2016.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment**. New York: Routledge, 2000.

DAVIS, Angela. **Mulher, Raça e Classe**. Plataforma do Gueto, Tradução livre, 2013.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 50ª edição. Global Editora. 2005.

GOMES, Janaina Damaceno (2013) **Os segredos de Virgínia: estudos de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955)**. Tese (Doutorado), FFLCH – USP, São Paulo, p. 150.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismona cultura brasileira** IN LuizAntonioSilva. Movimentos sociais, urbanos, memórias étnicas e outros estudos, Brasília, ANPOCS, 1983.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Intelectuais negros e formas de integração nacional**. Estud. av. [online].2004, vol.18, n.50, pp.271-284.ISSN 1806-9592. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000100023>.

HOOKS, Bell. **Intelectuais Negras**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464, jan.1995. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

\_\_\_\_\_, Bell. **AIN'T' I A WOMAN Black women and Feminism**. Ed. London, 1990.

\_\_\_\_\_, Bell. **Feminist Theory From Margin To center**. Boston, MA: South End Press, 1984.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories: Episodes for Everyday Racism**. Ed. UNRAST, 2010.

LIMA, Ari. **A legitimação do intelectual negro no meio acadêmico brasileiro: negação de inferioridade, confronto ou assimilação intelectual?** Afro-Ásia, n. 26, p. 281-312, 2001.

LORDE, Audre. **Sister outsider-essays and speeches**. Trumansburg, NY: Crossing Press, 1984.

MAIO, Marcos Chor. **Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo**. Ed.Sociologia e Política, 2010.

MORRISON. Toni. **PLAYING IN THE DARK: Whiteness and the Literary Imagination**. 91 pp. Cambridge, Mass. Harvard University Press, 1992.

MUNANGA, Kabengele. Prefácio IN Carone, I. & Bento, M. A. S. (Orgs.). **Psicologia social do racismo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

NASCIMENTO, Beatriz. **Mulheres Negras e o Mercado de Trabalho**. Jornal Última Hora, Rio de Janeiro, 1976. Disponível em: <http://www.pagina13.org.br/mulheres/a-mulher-negra-no-mercado-de-trabalho-2/#.WchrwrKGPhl>

PIERSON, D. **Negroes in Brazil: a study of race contact at Bahia**. Chicago: University of Chicago Press, 1942.

NOGUEIRA, Oracy "**Atitude desfavorável de alguns anunciantes de São Paulo em relação aos empregados de cor**". Sociologia, vol. 04, n. 04, PP. 328-358, São Paulo, 1942.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil. Bahia**: Editora Progresso, 1894.

SANTOS, Neusa. **Tornar-se Negro: As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**. 2ªEdição. Editora Graal,1983.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **Reabilitando Virgínia Leone Bicudo**. *Soc. estado*. [online]. 2011, vol.26, n.2 [cited 2017-09-25], pp.435-445. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922011000200020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922011000200020&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 0102-6992. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922011000200020>.

WERNECK, Jurema. Criola: Organização de Mulheres Negras. **Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo**. Revista da Abpn, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.9-17, mar. 2010.